

Um Tour pelo “Surr” de Minas

O impulso do reencontro me assaltou sem aviso e veio uma vontade incontrolável de reviver pessoas que fizeram (e ainda fazem!) parte da nossa história.

Na interseção dos meus 75 anos e dos 87 do Ronaldo, uma epifania: por que não rever e abraçar aqueles companheiros que tingiram as páginas do nosso livro da vida?

Chamamos, jocosamente, nossa peregrinação de “Um Tour pelo Surr” de Minas. O que nos movia, eram as emoções guardadas, nosso verdadeiro combustível. A bagagem era pouca, para levar, com espaço, o amor que tínhamos.

A primeira parada do tour foi em Candeias, que nos aguardava com seu silêncio eloquente. William, nosso amigo de 99 anos, nos recebeu entre lágrimas com a frase: *“eu sabia que vocês não me faltariam nessa hora”*.

Era um domingo de festa. Na varanda de sua casa, William um alto de garboso homem aguardava o início da maratona popular junto ao seu filho e grande companheiro de vida: Júlio, nosso afilhado, um expansivo sessentão que ao se deliciar com uma cervejinha e um kibe ofereceu-lhe uma dentada: *“Pai, está uma delícia! Se gostar busco um para você”*. Foram suas últimas palavras. Tombou a cabeça e se despediu de forma súbita e silenciosa...em paz. E assim, a celebração transformou-se em adeus. E no seio dessa dor, confortamo-nos por simplesmente estar ali presentes para amparar e abraçar um fragilizado pai com a dor dilacerante que é a perda de um filho. **William, estamos aqui.**

Rumo a Três Pontas, para encontrar a centenária mais simpática e determinada do sul de Minas: D. Dagmar. Chegamos de surpresa ao Hotel Brasil e nos deparamos com o epítome da elegância e acolhimento, rodeada por jovens universitários frustrados com a negativa da interferência no seu quebra cabeça de três mil peças, como se cada peça encaixada fosse um tributo aos desafios da vida que ela sabiamente emoldurava em seu hotel.

Arnaldo, irmão do Ronaldo e meu irmão por escolha, encontrou ali seu porto seguro, até os seus últimos dias de vida. Chegou órfão e ainda bem jovem à cidade para ser médico cardiologista. Foi recepcionado como um filho por D. Dagmar e por sua família, que o acolheu e apresentou-o à sociedade, abrindo-lhe portas para uma bela carreira. Ele retribuiu o carinho e fez questão de ter sua morada vitalícia na cidade que tanto amava. Por todo o calor e amor ao nosso Arnaldo: **Dona Dagmar, estamos aqui.**

Nossa terceira parada foi em Varginha, que trouxe consigo o resgate. Paula e Toni, afilhados que representam capítulos preciosos de nossas vidas, nos receberam com o calor de um lar. Paula é minha afilhada de batismo e sempre reflito sobre a importância e relevância da minha escolha, de representar perante Deus, a minha comadre que me concedeu essa graça. Há tempos eu me culpava por estar pouco presente na vida da Paula e, em cada detalhe daquela mesa posta, via-se amor, carinho, história e referências: há muito de mim nela e há muito dela em mim. **Paula, estamos aqui.**

Continuamos, então, a mergulhar nas paisagens onduladas do Sul de Minas, onde a natureza e a memória dançam num *pas de deux* eterno até alcançar nossa quarta parada. São Lourenço e suas águas curativas, cenário perfeito para renovação e introspecção e entrelaçados no abraço cúmplice: **Ronaldo, estou aqui para você e você está aqui para mim.**

Quinta parada: Baependi. Nesse caso, eu que escolhi Maria Honória como madrinha da minha filha mais velha. E revê-la nos mostrou que os laços nunca se rompem, se esticam. O riso compartilhado das lembranças da adolescência enchia a atmosfera, os corações se reconectavam. Um abraço envolvente e aconchegante dizia: **Nonória, estamos aqui.**

Extasiamos com as lindas paisagens do sul, com o verde escuro dos seus cafezais, por vezes margeando as calmas águas de Furnas, emoldurado por aquele lindo arco-íris, despontando no horizonte, após uma rápida chuva. “Sol com chuva, casamento da viúva!”. Estávamos felizes! Tudo nos remetia ao riso e a enfrentar a estrada com leveza.

Sexta e última parada: Campo Belo, cidade de origem do Ronaldo, na qual a memória, a nostalgia se tornam palpáveis. “Dia da Cidade” O pulsar das fanfarras reverberava na praça evocando um tempo que jamais se perde. Abraços foram trocados, histórias foram recontadas, e sentimentos, uma vez adormecidos, acordavam vibrantes.

Finalmente, o desfecho inesperado o último abraço foi para um primo de 89 anos, viúvo de coração partido que encontrou consolo onde menos esperava: nos olhares e convites irrecusáveis de uma também viúva para rezarem um terço pelos que partiram. É o lindo ciclo da vida. O luto deu lugar ao amor mais uma vez. **Rubinho, estamos aqui.**

E enquanto os caminhos de Minas se desenrolavam sob nossos pés compreendíamos que não era apenas um tour geográfico, mas um mergulho na tapeçaria da alma. A cada parada, uma certeza: **ESTAMOS AQUI, SEMPRE ESTIVEMOS E SEMPRE ESTAREMOS.**